

CHIANCA, RUI

(Lisboa, 1891 – 1931)

O seu nome está ligado a uma efémera tentativa de revivescência do teatro histórico em verso, nos primeiros anos de regime republicano e em oposição a este, para a qual contribuiu com os dramas *Aljubarrota*,* inspirador numa narrativa de Alexandre Herculano (1912), *D. Francisco Manuel* (1914), ambos estreados no Teatro República, e *Nun'Álvares* (Teatro Apolo, 1918). No Brasil, para onde emigrou devido à sua participação na abortada insurreição monárquica de 1919, escreveu outras peças históricas: *O Magriço* (1925), em verso, e Portugal restaurado, em prosa; ainda na mesma linha se situam *O Cego da Batalha*, *Buçaco*, *Leonor Teles* e *Rainha Santa*, esta última criada postumamente por Ester Leão em 1933 no Teatro de S. Carlos. A sua produção teatral compreende assim a comédia dramática *As Portas do Céu* (Politeama, 1916), as comédias *A Desafronta* e *O Doutor Jacarandá*, escrita em colaboração com Luís Palmeirim e estreada no Rio de Janeiro em 1921, a comédia em verso *A Triste Feia* (Politeama, 1926) e várias comédias num acto (*Por um Beijo* e *A Cómica*, 1913; *A Alma de D. João*, 1914; *A Freira de Beja*, 1915, de que Rui Coelho extraiu uma ópera cantada em 1927).

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 61.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.